

ACESSO E APROPRIAÇÃO DE CONHECIMENTOS SOBRE BORDADO EM PLATAFORMAS DIGITAIS

Access and appropriation of knowledge about embroidery on digital platforms

Moura, Kefelyn Braga; Bacharel em Moda; Universidade Comunitária da Região de Chapecó,
kefelyn@unochapeco.edu.br¹
Silva, Dafne Reis Pedroso da; Prof^a Doutora; Universidade Comunitária da Região de Chapecó,
dafnepedroso@unochapeco.edu.br²

Resumo: Na última década é perceptível um movimento de ressignificação e resgate as artes manuais. A dimensão cibernética contribuiu para esse fenômeno pois tornou acessível conteúdos, comunidades e informações relacionados a tais práticas. Esta pesquisa tem como objetivo explicar de que forma os indivíduos acessam, aprendem e se apropriam de conhecimentos e informações a respeito de bordado através das plataformas digitais no Brasil.

Palavras chave: Bordado; Mídias Digitais; DIY.

Abstract: In the last decade, a movement of resignification and reclaiming of manual arts is perceptible. The cybernetic dimension contributed to this phenomenon as it made content, communities and information related to such practices accessible. This research aims to explain how individuals access, learn and appropriate knowledge and information about embroidery through digital platforms in Brazil.

Keywords: Embroidery; Digital Media; DIY.

Introdução

Por séculos, as artes manuais de agulha estiveram atreladas aos afazeres femininos, de acordo com Barber (1995). Essa associação com o fazer feminino, especialmente após a Revolução Industrial, contribuiu para a desvalorização desses ofícios, segundo Parker (1984).

Com o surgimento de movimentos a favor de direitos das mulheres e o desenvolvimento do feminismo e suas ondas, o entendimento a respeito do bordado e de outras artes manuais foi se modificando, de uma completa rejeição a esses afazeres e sua imposição a mulheres a uma ressignificação e percepção de que essas atividades, em especial o bordado, se apresentavam como

¹ Bacharel em Moda pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (2021).

² Professora orientadora da pesquisa: Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2013), com Doutorado Sanduíche no Institut de recherche sur le cinéma et l'audiovisuel - Sorbonne Nouvelle - Paris III (bolsa Capes PDSE | 2012).

meios de expressão pessoal ou instrumentos de subversão e protesto, conforme colocado por Parker (1984). Atualmente é possível notar um crescimento global de interesse dos indivíduos pelas artes manuais têxteis.

A sociedade contemporânea com sua uma forte ligação com a tecnologia e com as mídias digitais e graças à interatividade proporcionada pela internet modificou o modo de acessar conhecimentos e informações. Segundo Martino (2015), a internet e as mídias digitais proporcionaram novas formas de interação entre os seres humanos, na qual os indivíduos estabelecem laços de forma online, formando as “comunidades virtuais”.

No cenário digital, temos a possibilidade de aprender o "alicerce", mas também conhecer a vastidão de técnicas disponíveis. Em uma busca rápida no YouTube pelas palavras: “bordado”, “crochê” ou “tricô” é possível encontrar milhões de tutoriais sobre fundamentos, técnicas, pontos e formas de aplicá-los.

Diante desse contexto, surge o questionamento: De que maneira, no cenário contemporâneo brasileiro, os sujeitos acessam e se apropriam de conhecimentos e saberes a respeito de bordado por meio das plataformas digitais?

Para responder esta questão, o objetivo geral da pesquisa foi explicar de que forma os indivíduos acessam e se apropriam de conhecimentos e informações a respeito de bordado através das plataformas digitais no Brasil, tendo como objetivos específicos os seguintes eixos: identificar o perfil dos indivíduos que possuem interesse pelo bordado e estão presentes nos espaços de mídias digitais; definir quais os principais canais e plataformas de conteúdos relacionados ao bordado acessados por esses sujeitos; verificar o uso e apropriação desses conteúdos; descrever a experiência de aprendizado on-line dos indivíduos em questão.

Esta pesquisa se classifica como básica, pois, de acordo com a definição de Ander-Egg (1978, p.06 apud MARCONI; LAKATOS, 2017) ela procura o progresso científico, a ampliação de conhecimentos teóricos, sem a preocupação de utilizá-los na prática.

Por conter um viés exploratório, esta pesquisa apresentou a necessidade de mapeamento de dados e informações a respeito dos elementos relacionados ao problema de pesquisa e assim surgiu a demanda de coleta de dados e suas análises. Tal coleta foi realizada por meio de um questionário, Gil (2019), estabelece o questionário como uma técnica de investigação, a qual é composta por questões

que tem como objetivo conseguir informações a respeito dos indivíduos a quem são submetidos, sendo assim muito utilizado nas ciências sociais.

O questionário desenvolvido, contendo 40 questões, foi encaminhado para comunidades virtuais dedicadas ao bordado, mapeadas através de pesquisa pelo termo “bordado” na plataforma do Facebook.


Os questionamentos se destinavam tanto para pessoas que aprenderam a bordar exclusivamente através dos recursos da internet, como para pessoas que aprenderam a bordar de formas mais tradicionais, mas se utilizam dos recursos virtuais para aprender novas técnicas, se atualizar ou aprofundar seus conhecimentos. Os dados coletados foram analisados e sintetizados em categorias estabelecidas a partir dos objetivos específicos desta pesquisa. Após essa tabulação os resultados foram interpretados e relacionados aos seguintes conceitos teóricos que embasaram o projeto da pesquisa e também emergiram da própria coleta empírica, sendo eles: bordado, mídias digitais e comunidades, pós-modernidade, uso e apropriação.

Perfil dos indivíduos interessados em bordados e se encontram presentes nos espaços de mídias digitais

A identificação de um perfil dos indivíduos considerou aspectos como faixa etária, gênero, localização geográfica, renda, cor, estado civil e escolaridade, que nos conduziram ao seguinte perfil: Mulheres, entre 19 e 30 anos, brancas, especialmente de 19 a 24 anos, com alto grau de escolaridade, solteiras, com renda de 3 a 6 salários mínimos, residentes principalmente no estado de São Paulo, com residência própria e residindo com parentes.

Principais canais, plataformas, conteúdos e dispositivos utilizados por esses indivíduos

O dispositivo mais utilizado por essa comunidade para acessar os conteúdos de bordado é o Smartphone, que apareceu em 95,6% das respostas. De acordo com os dados coletados pelo questionário, a maioria das respostas apontam o YouTube como a principal plataforma através da qual esses sujeitos aprenderam a bordar. Ainda dentro da esfera digital, apareceram os cursos online, tutoriais no Instagram, tutorias no Pinterest e o Facebook, nessa ordem decrescente de



respostas. O principal canal/perfil citado foi o “Clube do Bordado”, que apareceu em 131 das 203 respostas coletadas.

Formas de uso e apropriação desses conteúdos

Em relação ao que levou os indivíduos participantes a se interessarem pela técnica do bordado, as respostas que mais apareceram englobaram os seguintes tópicos: inspiração, influência ou herança familiar, a tradição e o interesse por manualidades, o contexto da Pandemia de Covid-19, o bordado como forma de terapia, uma atividade para aliviar a ansiedade e método de relaxamento e a beleza da técnica - desde os processos ao produto final. Em relação ao cenário da Pandemia, as informantes relataram terem se interessado pelo bordado como um mecanismo para aliviar a ansiedade causada por este contexto, conforme colocado na resposta 135 “Uma válvula de escape nessa pandemia. E ele me acalma e tem toda sua simbologia. Precisa fazer com calma, se der errado é só desfazer e refazer... como a vida agora”.

Sobre a frequência com a qual esses indivíduos costumam bordar, “Diariamente” recebeu a maior porcentagem das respostas, 36,9% e a maioria apontou que o significado a atividade em seu cotidiano é o de *hobby*. No tocante a ter ensinado técnicas de bordado a outras pessoas, 54,7 % já teve essa experiência.

Poucos participantes apontaram o bordado como forma de expressão política e para uma fatia menor dos respondentes o bordado aparece como um complemento de renda ou forma de empreendimento. De acordo com a amostragem do questionário, 74,4% dos respondentes se utilizam das redes sociais para compartilhar seus bordados e possuem perfis nos quais compartilham suas criações e a maioria das respondentes não comercializa seus bordados.

As temáticas para bordar prediletas dos sujeitos ou as que eles mais costumam executar foram: botânicos (61,1%), frases (49,2%), *lettering* (32,6%), portas de maternidade (32,1%), filmes e séries (25,9%).

Foi questionado também se o interesse pela técnica do bordado havia levado esses indivíduos a explorar outras técnicas manuais e muitas pessoas responderam que acabaram se interessando pela técnica de aquarela - 44 respostas; crochê - 37 respostas; pintura em suas variadas modalidades - 25 respostas; macramê - 17 respostas e costura - 15 respostas (foram destacadas aqui apenas as opções que colheram dados de forma mais expressiva).


Em relação às técnicas e aplicações exploradas por essas pessoas, a maioria borda em bastidor, um número expressivo mistura bordado e aquarela, seguido por bordados em roupas, e aproximadamente metade dos respondentes experimentaram realizar mini bordados. Em relação a aplicação de bordado em superfícies alternativas, o bordado em papel, bordado em fotografias e bordado em folhas secas se destacam.

A maioria desses indivíduos não possui um local específico destinado a bordar, realizando essa prática na sala ou no quarto de suas residências, instaladas na cama ou no sofá. Majoritariamente, 82,8% dos respondentes costumam realizar outras atividades enquanto bordam, as atividades mais citadas foram: assistir tv/filmes/séries, especialmente dublados ou repetidos, ouvir música, ouvir podcasts e ver/ouvir vídeos no YouTube.

Quanto a compras de apetrechos e equipamentos, 66,5% alegaram que apenas realizam compras de materiais e ferramentas de bordado em armazéns online apenas quando tem necessidade. Além de compartilhar a opinião (71,4%) de que as lojas virtuais voltadas para esse segmento possuem maior variedade e opções de produtos que os armazéns tradicionais.

A experiência de aprendizado através do virtual

Em relação à experiência de aprender a bordar através das mídias digitais, a maioria dos indivíduos teve uma boa vivência de aprendizado nessa modalidade, a classificando com adjetivos tais como ótima, muito boa, excelente, boa, tranquila, fácil e prática. Sob o ponto de vista dos respondentes, o aprendizado online possibilita que as pessoas aprendam variadas técnicas, pontos e aplicações de maneira gratuita e de forma independente, onde o usuário pode escolher o que aprender, de que forma, quando e quantas vezes será necessário repetir até aprender.



Outro aspecto ressaltado pelas informantes foi a mobilidade e acessibilidade que aprender de forma digital permite, uma vez que os tutoriais ou aulas podem ser acessados de qualquer lugar, conforme apontado pela resposta número 3: “Acessível pois posso aprender muita coisa sem comprar um curso de fato, além de poder rever várias vezes técnicas que não compreendi. Também tem a facilidade de poder praticar o hobby em casa e qualquer lugar”. A gratuidade dos tutoriais presentes nas mídias sociais também foi outro ponto bastante mencionado pelos respondentes.

Por outro lado, 12 indivíduos relataram não gostar ou terem tido dificuldades em aprender a bordar de maneira online e independente. Se referiram a dificuldades de compreensão dos tutoriais, preferência pela experiência e metodologia presencial e falta de paciência.


Os pontos negativos relatos, seriam a privação de tirar dúvidas de forma imediata, a impessoalidade, a complexidade dos tutoriais e o obstáculo de visualizar certos detalhes na tela reduzida dos smartphones, conforme relatado na resposta 96: “Tenho dificuldade, não sei como seguir a sequência de vídeo do YouTube e a tela do celular não ajuda muito no tamanho”.

Discussão

Newmeyer (2008) afirma que o exponencial interesse dos consumidores em projetos de DIY (“*Do It Yourself*” - Faça você mesmo) retrata o anseio tanto individual quanto social de revalorizar e assimilar tais atividades classificadas como domésticas.

Segundo Gauntlett (2011), apesar do artesanato possuir tradições que remontam a séculos passados, desde o início do século XXI é notável um renascimento do interesse e do respeito por tais práticas, tal ascensão podendo ser parcialmente atribuída à difusão da consciência ecológica e ao desenvolvimento da internet e suas plataformas.

Godart (2010), ao explicar as dinâmicas sociológicas que englobam a moda, apresenta os conceitos de Gabriel Tarde a respeito da moda como imitação. De acordo com Godart (2010), Tarde compreendia a vida social por um único princípio, o de “repetição universal”, fenômeno o qual se apresenta em três formas: a “ondulação”, a “geração e a “imitação”. Para Tarde, essas três modalidades estariam conectadas, não possuindo a mesma importância ou reciprocidade.




Ao pensarmos no fenômeno de resgate às manualidades, a terceira forma de repetição estabelecida por Tarde, nos ajuda a compreender esse movimento. A repetição em questão seria a “imitação”. Conforme Godart (2010), a imitação seria uma produção à distância, simultânea de um ponto de vista espacial e temporal, tal formato de repetição não tem como existir sem a ondulação e sem a geração, uma vez que “a ondulação lhe oferece os meios para se difundir e a geração lhe oferece os mecanismos para se propagar, tais como uma ideia filosófica ou uma prática artesanal” (GODART, 2010).

Segundo Lipovetsky (1987), no coração do consumo cultural se encontra a paixãoite de massa. Essa paixãoite seria a tradução da moda, podendo ser percebida no produto de sucesso do momento, como os títulos dos livros mais vendidos e filmes mais assistidos. Para Lipovetsky (1987), muitas paixãoites não podem ser separadas de uma carga de subversão, como por exemplo a minissaia ou o Rock ou um resgate de uma manualidade que se atualiza em seus significados e mecanismos no contexto pós-moderno.

Na atualidade, as mídias digitais fazem parte de nosso cotidiano. “É quase um exercício de imaginação pensar o cotidiano sem a presença das mídias digitais” (MARTINO, 2015, P. 9). No início dos anos 2000, houve a popularização e expansão de redes sociais e da produção de conteúdo de forma colaborativa, que acabou nos conduzindo a uma forma mais intensa de conexões, de acordo com Martino (2015). A maioria dos indivíduos informantes aprendeu a bordar através da plataforma do YouTube, além de acessarem com frequência os conteúdos de bordado através dessa plataforma e do Instagram em seu cotidiano. A maioria desses sujeitos também utiliza as redes sociais para compartilhar seus bordados, Gaunlett (2011) defende que a internet é um novo veículo através do qual os "artesãos" se comunicam e se conectam, além de transformar a prática das manualidades de algo fragmentado e isolado em uma atividade bem disseminada e popular possibilitando o fenômeno de resgate as manualidades.

Por muito tempo, de acordo com Newmeyer (2008), as manualidades (*crafts*) estiveram fortemente atreladas a qualidades conservadoras, seja por seus estilos, conteúdos, além da percepção de que os produtos resultantes dessas práticas eram confeccionados por mulheres mais velhas, que aprenderam tais técnicas manuais de uma forma e continuavam as reproduzindo.



Parker (1984) também aponta que por muito tempo o bordado e outros fazeres manuais estiveram associados como atividades essencialmente femininas e domésticas, tais ocupações eram parte vital da educação das mulheres. Paralelamente à obrigatoriedade feminina de aprender as “prendas domésticas”, tais fazeres se mostravam como um recurso de ativismo e resistência. De acordo com Parker, conhecer a história do bordado é conhecer a história das mulheres”. (PARKER, 1984, P. 6).


Atualmente a escolha de aprender a bordar e afins deixou de ser uma imposição e passou a ser uma opção de caráter individual, como atividade de lazer, prática terapêutica, empreendimento, complemento de renda ou artística. Como estabelecido por Newmeyer (2008), “as manualidades possuem uma multiplicidade de significados alvos” (NEWMAYER, 2008).

Em relação a característica subversiva do bordado, poucos os indivíduos informantes descreveram o bordado como forma de expressão política ou de empoderamento, mas sob a perspectiva de Gaunlett (2011), às práticas de artesanato tradicionais, como o tricô, a costura e o bordado desafiam o estilo de vida imposto pelo consumismo, uma vez que os indivíduos realizam essas atividades por escolha própria, o que concede a essas práticas um viés revolucionário nobre.

Newmeyer (2008) afirma que o crescente interesse pelas manualidades, especialmente entre os jovens, seria ação de reavaliação de tais atividades, tanto no âmbito social como no político; e que tal demanda não seria apenas pelo prazer de produzir algo, mas por suas propriedades relaxantes, como um recurso para exercitar a criatividade ou de expressão. O bordado, conforme Zacarkim (2017), apesar de ser uma prática secular, vai reinventando a história o tempo todo.

Para Martino (2014), uma das principais características da pós-modernidade é o hibridismo cultural, a mescla entre o público e o privado, sendo definida por uma ausência de códigos fixos, possuindo uma dinâmica transitória, diversificada, ilimitada, na qual tradição e inovação se relacionam.

Assim temos a atualização do bordado de um saber passado de forma tradicional ou educacional e mandatário, para um fenômeno pertencente ao resgate às manualidades e a realidade pós-moderna. Para Lipovetsky (1987), a cultura de massa atual estaria completamente voltada ao presente e adaptando todos seus recursos a ele. Esse tipo de cultura, por ele classificado como industrial, não teme se adaptar aos termos da atualidade, possuindo a histórica função de reorientar



as atitudes tanto de indivíduos quanto dos grupos sociais, além de difundir novos padrões de comportamento, assim a sociedade estaria sendo cada vez menos orientada por saberes tradicionais e sim por elementos difundidos pela mídia.

Os saberes fixos foram suprimidos, de acordo com Lipovetsky (1987), e os indivíduos se tornaram mais receptivos a novidades, estabelecendo uma relação elástica com o saber, comparada por ele com um *patchwork* mutável.

Miller et al. (2019) destacam a inseparabilidade das mídias digitais à onipresença dos *smartphones* no dia a dia da nossa sociedade, uma vez que a maioria das pessoas em todo o planeta passam diversas horas de seus dias utilizando tais dispositivos e seus recursos. Desta forma, de acordo com Miller et al. (2019) tal cenário representaria o fim da divisão entre o mundo digital e o não digital, o que pode ser exemplificado pelo aprendizado das técnicas manuais através das plataformas digitais.


O bordado possui diferentes significados, aplicações e usos para os sujeitos participantes de suas comunidades virtuais. Apesar de o bordado possuir alguns alicerces, como colocado pela informante 56, “(...) acho o bordado uma arte muito acessível, você tendo os materiais ele realmente é livre, cria-se o que quiser, não tem regras de ponto exato a se seguir, acho que isso torna o aprendizado virtual muito mais dinâmico”. Certeau (1990), denomina como usos, a criatividade e a pluralidade de formas possíveis para interferir nas “maneiras de fazer”.

Certeau (1990) estabelece que as “maneiras de fazer” são constituídas pelas inúmeras formas através das quais os indivíduos podem se apropriar de algo proveniente da dimensão sociocultural e seriam como vitórias do “fraco” (o homem comum) sobre o mais “forte”.

Considerações Finais

O objetivo desta pesquisa era responder o seguinte questionamento: “De que maneira, no cenário contemporâneo brasileiro, os sujeitos acessam e se apropriam de conhecimentos e saberes a respeito de bordado por meio das plataformas digitais?”


Os sujeitos identificados foram mulheres jovens com alta escolaridade e renda média, que acessam os conteúdos de bordados principalmente por meio de plataforma de vídeo e aprenderam a bordar no contexto digital de forma satisfatória, ainda que para muitas a técnica seja ainda passada



geracionalmente e o digital sirva de atualização. A mobilidade dos aparelhos digitais e do bordado estão presentes, e demonstram a articulação entre o as materialidades e o digital. As apropriações são percebidas nas práticas cotidianas como *hobby*, relaxamento, expressão de criatividade e exploração de outras técnicas manuais a partir do interesse pelo bordado.

A maioria desses indivíduos compartilha suas criações nos perfis pessoais de modo a não ficarem mais restritos ao âmbito doméstico. A revisão da prática ao longo dos anos de fato acontece, mas com este público não se expressa tanto como ato político deliberado.

Referências

- BARBER, Elizabeth Wayland. **Women's Work: The First 20,000 Years Women, Cloth, and Society in Early Times**. 1. ed. USA: Norton, 1995.
- CERTEAU, Michael. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014
- CLUCKIE, Linda. **The Rise and Fall of Needlework: Its Socio-Economic and Cultural Aspects**. 1 ed. Reino Unido: Arena Books, 2008.
- FRAGOSO, Suely, RECUERO, Raquel, AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GAUNTLETT, David. **Making Is Connecting: The social meaning of creativity, from DIY and knitting to YouTube and Web 2.0**. 1. ed. Great Britain: MPG Books Group Limited, 2011.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GODART, Frédéric. **Sociologia da Moda**. São Paulo: Editora Senac, 2010.
- GONÇALVES, Thalia Aparecida; PRADO, Denise Barros. **Artesanato e mídia: tensões entre o tradicional, o moderno, identidade e memória**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Belo Horizonte - MG – 7 a 9/6/2018. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-0729-1.pdf>> Acesso em: 11 out. 2020.
- LEMONS, André. **Cibercultura: Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. 7 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- LIPOVETSKU, Gilles. **O império do Efêmero: A Moda E Seu Destino Nas Sociedades Modernas**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1987.
- 

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 8. ed. – [2. Reimpr.]. - São Paulo: Atlas, 2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de Pesquisa em Comunicação: Projetos, Ideias, Práticas**. Edição Digital. Petrópolis- RJ: Vozes, 2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação: Ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2014.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes e Redes**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MILLER, et al. **Como o Mundo Mudou as Mídias Sociais**. Edição de Acesso Aberto Londres: UCL Press, 2019.

NEWMAYER, Trent S. **Knit one, stitch two, protest three! Examining the historical and contemporary politics of crafting**. 2008. Leisure/Loisir, 32:2, 437-460, DOI:10.1080/14927713.2008.9651417

PARKER, Rozsika. **The Subversive Stitch: Embroidery and the Making of the Feminine**. 3.ed. Great Britain: BPC Books Ltd, 1996

Pesquisa revela redescobrimto das artes manuais durante a quarentena. Mundo do Marketing, 05 jun. 2020. Ciência & Saúde, Disponível em: <<https://www.mundodomarketing.com.br/noticias-corporativas/conteudo/237209/pesquisa-revela-redescobrimto-das-artes-manuais-durante-a-quarentena>> Acesso em: 10 out. 2020.

SPYER, Juliano. **Mídias sociais no Brasil Emergente**. Brasil: Educ. e Armazém da Cultura, 2018.

UDALE, Jenny. **Tecidos E Moda: Explorando a integração entre o design têxtil e o design de moda**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZACARKIM, Amanda. **Crafting Ourselves: Producing Knowledge and Constructing Identities Through Contemporary Handmade Embroidery**. 2017. Tese (Mestrado em Arte e Cultura) – Especialização em Indústrias Criativas - Radboud University, Nijmegen, 2017.